

## Da Negação à Invasão dos Três Poderes:

### Estratégias de Desinformação Digital em Rede à Luz do Acrônimo FLICC<sup>1</sup>

Gilberto SCOFIELD JR.<sup>2</sup>

Andressa GARCEZ<sup>3</sup>

Marco SCHNEIDER<sup>4</sup>

Universidade Federal Fluminense, RJ

#### RESUMO

Este artigo investiga o discurso compartilhado no aplicativo WhatsApp por eleitores de Jair Bolsonaro durante o processo eleitoral de 2022 e as invasões aos prédios dos Três Poderes em Brasília. Utilizando o programa "Monitor do WhatsApp", selecionou-se os conteúdos mais compartilhados e explorou-se a hipótese metodológica de que a aplicação da classificação FLICC, proposta por John Cook para o estudo de estratégias retóricas empregadas por negacionistas climáticos, poderia desvelar nuances representativas da desinformação circulante nesses grupos. Predominaram falácias lógicas e teorias da conspiração.

**PALAVRAS-CHAVE:** FLICC; desinformação; manipulação; extrema-direita; eleições 2022.

#### INTRODUÇÃO

A proliferação da desinformação no Brasil se intensificou nos últimos anos, impulsionada por fenômenos como a rápida expansão do acesso à internet no país, que hoje já chega a 84% dos domicílios (Peres, 2023), e o enfraquecimento da credibilidade da mídia tradicional, não só por conta da crise em seu modelo de negócios, mas por estratégias de desmoralização intencional da imprensa e pelo excesso de conteúdos que hoje caracterizam a desordem informacional (Costa et al, 2021). Mas não é só isso. Como expõem Nunes e Traumann (2023), houve nos últimos seis anos um transbordamento da polarização política para o cotidiano do brasileiro. A emergência

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano do IACS-UFF, email: [gilberto\\_sj@id.uff.br](mailto:gilberto_sj@id.uff.br)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano do IACS-UFF, email: [agarcez@id.uff.br](mailto:agarcez@id.uff.br)

<sup>4</sup> Professor orientador do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano do IACS-UFF e pesquisador do Ibiict, email: [marco\\_feldman@id.uff.br](mailto:marco_feldman@id.uff.br)

---

das redes sociais e dos aplicativos de mensagens se transformou no principal canal de consumo de notícias em escala planetária (Newman, 2023), terreno fértil, na análise de Rego e Barbosa (2020), para a criação de uma indústria voltada à construção coletiva de ignorância, focada no poder por interesses particulares ou de grupos.

Sob o ponto de vista de Da Empoli (2019), as redes sociais e os aplicativos de mensagens se tornaram um terreno fértil para a disseminação de informações falsas e todo o tipo de manipulação via algoritmos, devido à sua natureza aberta, descentralizada, cartelizada e desregulamentada. Mas o ponto de virada foi a profissionalização da desinformação, usada como estratégia política para a eleição de populistas de direita (Teitelbaum, 2020), a criação de pseudo autoridades cognitivas (Froehlich, 2019), a relativização dos conceitos de real e verdade que caracterizam o regime de pós-verdade (D'Ancona, 2017) e a manipulação do senso comum por estratégias que apresentam soluções fáceis para problemas complexos e recorrem a sentimentos de medo, raiva, preconceito, até mesmo à ignorância, voltadas a pessoas agrupadas em bolhas e câmaras de eco (Schneider, 2022). As notícias falsas são distribuídas via algoritmos (O'Neill, 2020) através de perfis falsos nas redes sociais, sites de notícias duvidosos, robôs, grupos de pessoas (pagos ou não) ou aplicativos de mensagens como o WhatsApp, bastante populares no Brasil (Charaudeau, 2022; Wardle, 2019). Schneider (2022) denomina esse conjunto de fenômenos de desinformação digital em rede (DDR), no intuito de diferenciá-lo de formas mais antigas de fraude e mistificação de massas, embora a DDR possua parentesco com elas.

A proliferação de informações falsas pode levar à erosão da confiança nas instituições, à polarização social, à tentativa de comprometimento dos processos eleitorais e à mobilização de grupos para atos violentos e anti-democráticos (Levitsky; Ziblatt, 2018; Bucci, 2023). Isso foi observado em Washington D.C., nos EUA, em 6 de janeiro de 2021, com a invasão do Capitólio (Warden, 2021; Wang, 2022) e no episódio de vandalismo nos prédios na Praça dos Três Poderes em Brasília, em 8 de janeiro de 2023 (Romanini; Mieli, 2019). O relatório elaborado pelo gabinete do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, publicado em 7 de janeiro de 2024, faz um balanço da invasão antidemocrática na Praça dos Três Poderes com números hiperbólicos. Mais de 6 mil decisões relacionadas ao episódio ao longo do ano

---

de 2023 foram tomadas: 255 delas foram medidas de busca e apreensão em mais de 400 endereços; 350 quebras de sigilo bancário e telemático, que levaram a mais de 800 diligências para coleta de provas; além de decisões sobre prisões, liberdades provisórias ou renovação de prisões, cumprindo os requisitos legais que indicam a necessidade de reavaliação das prisões preventivas (Brasil, 2024).

Na busca por entender com mais precisão as estratégias de manipulação e mobilização dos eleitores bolsonaristas e da extrema-direita que culminaram no 8 de janeiro, esta pesquisa analisou as 50 mensagens mais compartilhadas por estes eleitores em grupos de WhatsApp à luz da classificação FLICC, acrônimo relativo às iniciais das estratégias de desinformação lógico-linguísticas identificadas por John Cook (2020), doutor em psicologia cognitiva e pesquisador do *Center for Climate Change Communication* na *George Mason University*. Uma vez que uma das principais características de processos desinformativos é usar não apenas uma, mas várias técnicas de persuasão e manipulação para confundir as pessoas e gerar nelas sentimentos extremos (Schneider, 2022) - justamente aqueles que mobilizaram as pessoas a vandalizar as sedes dos Três Poderes em Brasília em 2023 -, vários critérios da FLICC foram encontrados em conteúdos trocados nos grupos pesquisados.

## **A SELEÇÃO DO CONTEÚDO PARA CLASSIFICAÇÃO**

A pesquisa sobre os conteúdos de texto, imagem e áudio foi executada pela ferramenta "Monitor do WhatsApp", desenvolvida pelo Departamento de Ciência da Computação (DCC) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Como expõe Fabrício Benevenuto (2019), professor associado do DCC da UFMG, o objetivo das ferramentas é permitir que jornalistas e pesquisadores identifiquem de forma ágil e eficaz conteúdos como campanhas de desinformação e teorias conspiratórias, ou simplesmente monitorem o debate político nestes espaços. O uso desta ferramenta foi importante pela abrangência e rapidez na coleta de conteúdos nos ecossistemas dos aplicativos, mas principalmente pela capacidade do sistema ao ranquear os conteúdos e destacar apenas aqueles mais compartilhados (viralizados). Portanto, aqueles que mais chances possuem de exercer influência sobre membros dos grupos.

---

Para as pesquisas no WhatsApp, foram selecionadas 12 expressões-chave: "eleição", "eleições", "eleição fraudada", "eleições fraudadas", "8/1", "fraude", "fraudes", "urna eletrônica", "urna eletrônica fraudada", "urna", "urnas", "quartéis", "povo". Estas palavras-chave são extraídas de cada conteúdo, agregadas e depois analisadas. São observadas quantas vezes elas aparecem nos conteúdos postados e também quantas vezes são compartilhadas entre grupos e por quem.

O relatório para as Top 50 Mensagens identificou 6.948 grupos ativos e cerca de 11.178 compartilhamentos de conteúdo por usuários no total. As informações finais incluem os conteúdos mais compartilhados, os mais ativos grupos e usuários distintos neste processo de compartilhamento, e a quantidade de vezes em que determinado conteúdo viralizou. No levantamento geral de 100 mensagens, vídeos e imagens, a maioria dos conteúdos compartilhados consistiu em textos (mais de 100 mil vezes), seguidos de vídeos (mais de 10 mil) e imagens (cerca de 5 mil).

## METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO FLICC

Exploramos a taxonomia FLICC no estudo da DDR no âmbito da política. O acrônimo FLICC foi proposto por John Cook em 2013 para sintetizar as cinco técnicas mais frequentemente empregadas por negacionistas no campo científico, com destaque para temas relacionados à mudança climática.

A seguir, detalhamos o significado de cada termo que compõe o acrônimo: ***Fake Experts (Falsos Especialistas)***: figuras ou instituições que se apresentam como fontes confiáveis de informação, mesmo que não qualificadas para tal; ***Logical Fallacies (Falácias Lógicas)***: argumentos em que a conclusão não decorre logicamente das premissas; ***Impossible Expectations (Expectativas Impossíveis)***: exigência de padrões de certeza inalcançáveis por parte da ciência; ***Cherry Picking (Escolha Seletiva)***: selecionar uma amostra de dados que parece confirmar um resultado, ignorando outros que contradizem essa posição; e, por último, ***Conspiracy Theories (Teoria da Conspiração)***, como propor que existe um plano secreto para implementar um esquema nefasto ou esconder "verdades" da população. A partir da sigla principal, foram desenvolvidas outras 27 categorias para avaliação de estratégias mais específicas no ramo da desinformação científica, como a **Ambiguidade** na argumentação, a

---

**Deturpação** de situações e de oponentes com o objetivo de desacreditá-los, as **Aspas Seletivas** tiradas de contexto, dentre diversas outras.

## RESULTADOS E CONCLUSÕES

A aplicação da classificação FLICC nos conteúdos analisados mostrou uma alta predominância de pelo menos duas grandes estratégias narrativas: falácias lógicas e teorias da conspiração. Sendo assim, a análise dos conteúdos que permaneceram no ar e que colocam em suspeição o processo eleitoral e as urnas eletrônicas mostra o uso de várias estratégias - e subcategorias - combinadas. Veja-se o exemplo do vídeo do argentino Fernando Cerimedo, dono do canal de direita “La Derecha Diario”, que em novembro, depois das eleições, fez uma *live*, compartilhada no WhatsApp brasileiro 335 vezes. No vídeo, que teve ampla cobertura da imprensa, Cerimedo apresentou um dossiê apócrifo com supostas irregularidades nas urnas e nenhuma evidência concreta. Este conteúdo mostra característica de “falso especialista”, quando Cerimedo é apresentado como “consultor de Bolsonaro pai no país”, mas não possui nenhuma qualificação como cientista político. O conteúdo “joga fumaça” no fato de que uma semana após o resultado do segundo turno, o então presidente Jair Bolsonaro ainda não havia se pronunciado oficialmente. Nem sobre as eleições, nem sobre a quantidade crescente de pessoas que começavam a acampar em frente a quartéis pelo país. A fala de Cerimedo faz uma “indução preguiçosa” ao ignorar que nunca, desde o início do uso das urnas eletrônicas, há duas décadas, nenhuma acusação de fraude foi confirmada por investigações policiais ou pela própria Justiça Eleitoral. Além disso, fazia uma “escolha seletiva” ao afirmar que o programa não era transmitido no Brasil porque o Tribunal Superior Eleitoral considerava crime “críticas às urnas eletrônicas”, quando o crime, se a fala fosse alvo de processo, se caracterizaria pela acusação de serem fraudulentas as eleições por conta de urnas manipuladas sem qualquer prova sobre a fraude. Por fim, tudo era embalado numa “teoria conspiratória” que buscava tornar verdadeiro uma espécie de “complô” contra Jair Bolsonaro pela Justiça Eleitoral brasileira.

Mensagens em grupos de WhatsApp, por sua natureza personalista e majoritariamente emotiva e apelativa, não possuem tanta preocupação com as articulações lógicas que caracterizam a desinformação de cunho científico, especialmente as que focam no aquecimento global. Mas é possível perceber alta

quantidade de conteúdos que se valem da estratégia da “fala da autoridade”, muito ligada a militares – ou à figura de Deus -, como se tudo que militares fizessem ou falassem fosse necessariamente verdade ou correto. Ou como se a vontade de Deus fosse conhecida por esses grupos e tivesse viés político anticomunista. Essa é uma estratégia não categorizada na FLICC, a não ser por analogia aos falsos especialistas - como foi usado na pesquisa -, uma vez que a lógica é associar a verdade à autoridade. O conceito de que uma pessoa, por ser autoridade ou ter título que lhe confere proeminência social, necessariamente estará sempre falando a verdade, é uma estratégia bastante utilizada por desinformadores.

Por fim, a pesquisa mostra que apesar da FLICC ser muito usada na análise do discurso manipulador ou negacionista sobre o aquecimento global, a taxonomia pode ser proficuamente aplicável a outros nichos de desinformação que sofrem com a mesma guerra de narrativas, como a polarização, o processo eleitoral, a Covid-19, as vacinas, entre outros temas.

## REFERÊNCIAS

- BENEVENUTO, Fabricio et al. **WhatsApp Monitor: A Fact-Checking System for WhatsApp**. In: Proceedings of the Int'l AAAI Conference on Weblogs and Social Media (ICWSM'19). Jun. 2019. Munique, Alemanha.  
<https://homepages.dcc.ufmg.br/~fabricio/download/icwsm2019-whatsapp.pdf> Acesso em: 15 mai 2024.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Gabinete do ministro Alexandre de Moraes. 7 jan. 2024. Disponível em:  
<https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/Relatorio8dejaneiro1ano.pdf>. Acesso em 15 jan 2024.
- BUCCI, Eugenio. **Desinformação e pane política**. Revista Brasileira, a. 2, n. 114, p. 8-13, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003156952>. Acesso em 15 novembro 2023.
- COOK, John. **A history of FLICC: the 5 techniques of science denial**. Skeptical Science, 31 mar. 2020. Disponível em:  
<https://skepticalscience.com/history-FLICC-5-techniques-science-denial.html> Acesso em 25 abril de 2024.
- COSTA, Caio T. et al. **A tempestade perfeita**. Rio de Janeiro: História Real, 2021.
- CHARAUDEAU, Patrick. **A Manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade**. São Paulo: Contexto, 2022.
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra dos fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

- FERREIRA, N. T. (2018). **As arenas midiáticas como palco de luta das minorias**. Mídia E Cotidiano, 12(1), 24-41. <https://doi.org/10.22409/ppgmc.v12i1.9860>
- FROEHLICH, Thomas J. **The role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of fake news**. Open Information Science, vol. 3, no. 1, 2019, pp. 115-136. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/opis-2019-0009>. Acesso em 15 março 2024.
- MACÁRIO, Carol; RÔMANY, Ítalo. **Tentativa de golpe incluiu núcleo de desinformação comandado por aliados de Bolsonaro, diz PF**. Lupa, Rio de Janeiro, 8 fev. 2024. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/02/08/tentativa-de-golpe-incluiu-nucleo-de-desinformacao-comandado-por-aliados-de-bolsonaro-diz-pf> Acesso em 20 fev. 2024
- NEWMAN, Nic et al. **Reuters Institute Digital News Report 2023**. Disponível em: <https://www.digitalnewsreport.org>. Acesso em 26/06/2023.
- NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. **Biografia do abismo**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023.
- O'NEILL, Cathy. **Algoritmos de Destruição em Massa: como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia**. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.
- PERES, Sarah. **Acesso à internet cresce e chega a 84% dos brasileiros em 2023**. Poder360. Brasília, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/acesso-a-internet-cresce-e-chega-a-84-dos-brasileiros-em-2023/> Acesso em 17 maio 2024.
- RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luiz F. **Em ato no Congresso, chefes de Poderes dizem que desinformação insuflou o 8 de Janeiro**. Aos Fatos. Brasília, 8 jan. 2024. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/bipe/desinformacao-8-de-janeiro-ato-congresso/> Acesso em 10 jan. 2024
- RÊGO, Ana Regina; BARBOSA, Marialva. **A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2020.
- ROMANINI, Anderson V.; MIELLI, Renata V. **Mentiras, discurso de ódio e desinformação violaram a liberdade de expressão nas eleições de 2018**. LIBERDADE DE EXPRESSÃO: questões da atualidade, São Paulo: ECA-USP, 2019, pp. 34-51. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/235ffa7a-d574-4583-a5bc-1cadd83c505c/002942046.pdf#page=9>. Acesso em 08/04/2021.
- SCHNEIDER, Marco. **A Era da Desinformação: pós-verdade, fake news e outras armadilhas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.
- TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.
- WANG, Jian. **The U.S. Capitol Riot: Examining the Rioters, Social Media, and Disinformation**. Dissertação (Mestrado em Liberal Arts in Extension Studies) - Universidade de Harvard, p. 131, 2022. Disponível em: <https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/37371540/JIAN%20WANG%20Thesis%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 10/01/2023.
- WARDEN, Meredith. **White Mob Violence and Capitol Insurrection**. Abril, 2021. Digital Commons at Oberlin. Disponível em:

---

<https://digitalcommons.oberlin.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1019&context=ost> Acesso em 17/02/2022.

WARDLE, Claire. **Misinformation Has Created a New World Disorder**. Scientific American. 01 set. 2019. Disponível em:

<https://www.scientificamerican.com/article/misinformation-has-created-a-new-world-disorder/>  
Acesso em 17 de maio de 2024.